

Por que o divã?

perspectivas de escuta
e a poética da psicanálise

LUCAS KRÜGER

Blucher

ARTES & ECOS 

Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise

© 2023 Lucas Krüger

Editora Edgard Blücher Ltda.
Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Andressa Lira

Editora Artes & Ecos.
Editor Lucas Krüger
Preparação e revisão Andréa Ilha e Mauricio Wajciekowski
Diagramação Luísa Zardo
Capa Lucas Krüger



Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho
de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pelas Editoras Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Krüger, Lucas

Por que o divã? : perspectivas de escuta e a
poética da psicanálise / Lucas Krüger. – 1. ed. - São
Paulo : Blucher ; Artes & Ecos, 2023.

352 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-735-4

1. Psicanálise 2. Escuta psicanalítica I.. Título

23-1802

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

11	NOTA EDITORIAL
13	PREFÁCIO O divã imprevisível — por Daniel Kupermann
21	ABERTURA
29	PARTE I — Perspectivas de escuta
31	1. O divã-reminiscência de Sigmund Freud
39	2. O divã, a criança que vive no adulto e as ousadas técnicas de Sándor Ferenczi
47	3. O divã-corpo de Donald Woods Winnicott
59	4. O divã-pele de Didier Anzieu
63	5. O divã de André Green — o modelo do sonho, outras contribuições e equívocos
83	6. Thomas Ogden e a privacidade no divã
95	7. Christopher Bollas e o divã evocativo
111	8. Um divã distante em Jacques Lacan?
121	9. O divã em latência de René Roussillon
133	10. O processo criativo do analista e o divã para Melanie Klein
139	11. O divã embrionário de Wilfred Bion
149	12. O divã dramatúrgico e neuropsíquico de James Grotstein

157	13. O divã como auxiliar a um “roteiro fílmico” de John Munder Ross
163	14. Outros autores e as diversas formas de pensar o trabalho psicanalítico a partir do divã
203	15. Breves comentários finais
205	PARTE II — A poética da psicanálise
207	1. Introdução — O <i>self</i> teórico-clínico de um analista em diálogo com outros
211	2. Algumas considerações sobre a história e a etimologia da palavra divã
215	3. O brincar como essência do processo psicanalítico
215	3.1 A criança-poeta de Freud e o jogo das nuvens de Goethe
220	3.2 As nuvens, os poetas e o criacionismo de Vicente Huidobro
225	3.3 O <i>diwan</i> enquanto nuvem — a <i>re-forma</i> em análise
229	4. As regiões psíquicas e o estado de nuvem
239	5. A nuvem, a condensação e o fazer poético: reflexões sobre o <i>Dichter</i> , a <i>Dichtung</i> e a <i>Verdichtung</i>
245	6. A roupagem simbólica e as suas apresentações na clínica a partir do <i>estado de nuvem</i>
245	6.1 Brevíssimo prelúdio
246	6.2 Reflexões essenciais sobre a <i>Verkleidung</i> (disfarce/roupagem) e a <i>Darstellung</i> (apresentação)

251	6.3 A <i>roupagem simbólica</i> : uma conceitualização
255	6.4 A tecelagem psíquica — um caminho para pensar os papéis transferenciais
261	7. O divã/ <i>diwan</i> e a metáfora da nuvem na clínica
261	7.1 Retomando a proposta de <i>regiões psíquicas</i> para pensarmos a clínica
263	7.2 Os mecanismos psíquicos de defesa e as regiões internas predominantemente neuróticas
269	7.3 A importância do divã para a clínica além da neurose
289	7.4 A sala de atendimento como um todo e sua relação com os processos inconscientes
296	7.5 Considerações a respeito da análise de crianças — o divã enquanto cama, barco e castelo
299	7.6 O compartilhamento da poesia interna singular e a apresentação da <i>roupagem simbólica</i> — penúltimas palavras

309 ÚLTIMAS PALAVRAS

315 EXTRAS

317	Poema “Criação”
319	Provocações a respeito dos atendimentos remotos <i>online</i> : A necessidade do divã ou um substituto que não o olhar

333 REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

O DIVÃ IMPREVISÍVEL

Daniel Kupermann

Surpresa. Essa é a palavra que encontrei para expressar minha experiência de leitura de *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*, de Lucas Krüger. Meus olhos, habituados — e, às vezes, também cansados — com a leitura de centenas de livros, dissertações, teses e artigos publicados em periódicos sobre psicanálise, se arregalaram em muitas passagens e paisagens, curiosos por saber os caminhos que seriam tomados por esse escrito erudito, criativo e provocador, dedicado ao objeto que se transformou em símbolo maior da psicanálise: o divã.

Divã. Para os não psicanalistas, a palavra soa como coisa de avó. Raro, nos dias de hoje, se encontrarem divãs como parte da mobília, nos lares privilegiados do Ocidente, talvez porque o divã esteja associado à leitura, ao repouso, à contemplação, ao devaneio, à imaginação e ao sonhar. E, na sociedade do cansaço, há pouco espaço para essas atividades inúteis, segundo o imperativo de desempenho a que estamos submetidos.

Se o divã persiste sendo parte da mobília psicanalítica, isso já diz bastante acerca do que é a psicanálise. Mérito para Freud e seus seguidores, que parecem insistir em manter

um lugar bastante especial, uma *tópica* em nosso ambiente cultural, que se impõe como *reserva* — no sentido em que dizemos reserva ecológica — para o exercício da escuta e da poética singular, que, muitas vezes, parece caminhar para a extinção.

Foi uma surpresa acompanhar os ricos desdobramentos empreendidos por Lucas Krüger a partir da etimologia do termo *divã*, oriundo de *diwan*, em suas vertentes persa e turco-otomana. A primeira nos remete à poética, seja ao escritor propriamente dito, seja a uma coletânea de poesias. Já a segunda se refere à concepção espacial da sala de reuniões onde questões importantes eram decididas pelos sultões. Além desses sentidos, há ainda a derivação *adwana* — cuja sonoridade revela sua etimologia —, isto é, controle de entrada e saída de mercadorias transportadas de um lugar a outro. Recordo que, em alemão, a palavra *Übertragung*, utilizada por Freud como conceito clínico, traduzida como transferência, significa também transporte de um lugar a outro. No caso, transporte de afetos referidos às experiências existenciais, traumáticas ou vitalizantes, do sistema de memória inconsciente do analisando para a figura do psicanalista, presentificando o passado daquele que se deita no divã.

Que o leitor não se iluda. O objetivo de *Por que o divã?* não é apenas o de nos despertar para a pletora de sentidos embutida na mobília mais característica dos consultórios de psicanálise, mas o de nos sensibilizar para a especificidade do próprio fazer psicanalítico, adotando o divã como sua metáfora maior.

O divã de Procusto

Metáforas são antídotos para o dogmatismo esterilizante. Pegam no pé das letras e das palavras e as fazem rodopiar, as viram de ponta-cabeça, perpetuando sua polissemia. O divã, no livro de Krüger, é tomado como a metáfora preliminar de uma sucessão de metáforas conceituais que favorecem uma transmissão viva do fazer psicanalítico.

A psicanálise, ao longo da sua história, construiu verdadeiros divãs de Procusto, na forma de institutos e escolas dedicados a formar analistas, de acordo com o pensamento predominante nesses espaços — a ponto de um autor como Michael Balint afirmar que o grande desafio para o psicanalista em formação seria o de escapar da produção de obediência a ele imposta, seja pela ingerência institucional sobre as análises “didáticas”, seja pela obrigatoriedade da adoção de uma linguagem única para testemunhar a experiência analítica, engendrando a ecolalia das palavras dos mestres e a adesão acrítica às teorias vigentes.

Há uma proposição implícita no livro de Lucas Krüger: o psicanalista, em seu processo de formação, deveria constituir um *self* teórico-clínico afeito ao seu estilo e capaz de encontros e desencontros com outros *selves* teórico-clínicos de outros analistas. Desses encontros e desencontros depende o desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Para constituir um *self* teórico-clínico, no entanto, seria necessário introjetar o divã, constituindo algo próximo ao que André Green nomeou de enquadre interno, o que nos permitiria, inclusive, levar o nosso divã interior a todo e qualquer espaço onde a psicanálise seja convocada em sua escuta e em sua poética.

Encontramos, assim, um divã móvel (para não perder a graça do trocadilho), nômade, no sentido transferencial, passível de ser levado ao encontro de todo sofrimento psíquico, seja no consultório do psicanalista, seja no hospital, nas escolas, nas ruas ou nas telas de computadores e celulares, como nos impuseram os atendimentos remotos universalizados durante a pandemia. Um divã caracterizado, ao contrário daquele coberto com tapetes persas de Freud, pela leveza de uma nuvem que, andante, acolhe o voo da imaginação que se evadiu da estátua de pedra, provocada pelo olhar aterrozante da Medusa.¹

1 Segundo a inspiração da poesia de Murilo Mendes, citada por Krüger, ao lado de muitos outros poetas que se dedicaram ao tema da nuvem.

O divã fabricado por Lucas Krüger nos remete ao “estado de nuvem”, oferecendo-se como verdadeiro antídoto à tendência de se criarem divãs de Procusto nos diversos lugares de transmissão da psicanálise.

Olhe para cima

A nuvem é, efetivamente, a musa inspiradora da conceitualização acerca da poética psicanalítica tecida pelo autor que, convém notar, publicou, há alguns anos, um livro de poesias intitulado *Homenagem à nuvem*. Surpresa para os leigos em poesia, obviedade *a posteriori*: a nuvem é inspiração bastante presente no campo da poesia, de Goethe a Carlos Drummond de Andrade.

Não poderia ser diferente. A matéria *informe* da qual são feitas as nuvens se oferece, no mundo físico, como a imagem mais eloquente de um meio maleável necessário para que o poeta possa crer em sua potência criadora de mundos. As nuvens, com seus jogos de formas em movimento são, para a imaginação daquele que sabe olhar para cima, como letras capazes de compor as palavras de que precisamos para celebrar nossa curta e imprevisível existência. Ludwig Tieck, citado no livro, escreve: “Grande elefante! Estique a tromba, / diz a criança à nuvem que se alonga. / E a nuvem obedece”. Não duvido que o primeiro poeta tenha sido aquele que elevou seus olhos para o céu e, em sintonia com o jogo das nuvens, foi capaz de sublimar a potência da sua voz em palavras mágicas.

Pode ser que Freud fosse mesmo um adicto em tabaco e, por isso, estivesse sempre fumando durante as sessões com seus pacientes. No entanto, após a leitura de *Por que o divã?*, imagino que, ao lado do amor pelo perfume da queima da planta e pelo efeito da nicotina em seu sangue, Freud desenvolveu o método psicanalítico porque era transportado ao “estado de nuvem”, inspirado pelos volteios da fumaça que subia da ponta de seu charuto e daquela que exalava de seus lábios.

Ao propor que o analisando se deite no divã, o analista o convida a desviar o olhar de seu rosto, a olhar para cima, libe-

rando-o do jogo das demandas de amor, de reconhecimento e de poder que caracterizam nossas relações sociais. O olhar para cima reproduz o gesto do poeta primordial, favorecendo a regressão aos processos primários de pensamento característicos do sonho, via régia para a poética do inconsciente, de acordo com Freud. Nesse “estado de nuvem”, ao qual o analisando é transportado, faz-se possível a perlaboração das dores, a transmutação dos fantasmas referidos às imagos inconscientes infantis, a emergência do gesto onipotente da criança que reside em cada um de nós, favorecendo a criação de novas formas de ser, que passam a habitar o espaço analítico tornado nuvem, como se fossem figuras levitantes de Chagall, com as quais o analisando poderá compor sua estilística da existência.

A aduana

A metáfora conceitual “estado de nuvem” proposta por Krüger é o testemunho, em nome próprio, acerca do cerne da experiência psicanalítica, definido como escuta e poética. Escuta dos núcleos traumáticos do analisando, bem como de seu desejo de encontro com o Outro vitalizante, enunciados por modos de expressão diversos, seja pela palavra, seja pelo silêncio ou pelo brincar. Escuta, por parte do analista, do modo como é afetado no exercício do seu ofício. Poética como a criação possível, por meio do encontro afetivo, capaz de afetar ambos os parceiros dessa aventura chamada psicanálise.

Uma das nossas maiores dificuldades epistemológicas é encontrar uma linguagem conceitual capaz de ilustrar o espaço de encontro de subjetividades promovido pela experiência clínica. As tópicas freudianas foram mais bem-sucedidas em representar a dinâmica dos aparelhos psíquicos individuais. Inspirado na filosofia estética, Ferenczi importou o conceito de empatia para descrever um estilo clínico que considerasse uma zona de mistura entre psiquismos. Winnicott, por seu turno, avançou na tentativa de descrever o espaço analítico como uma terceira área da experiência, nem interna nem

externa, transicional. Seu leitor Thomas Ogden inventou o terceiro analítico intersubjetivo para descrever o *locus* de origem dos pensamentos que emergem no *setting*. Lucas Krüger se filia a essa tradição, recorrendo à metáfora conceitual do “estado de nuvem”.

A metáfora conceitual é guiada menos pela ambição de criação de uma nova topologia do que de uma ferramenta para sensibilizar o leitor e transmitir o entendimento do autor acerca da perspectiva criadora da clínica psicanalítica. O “estado de nuvem” é, assim, a condição de possibilidade para que analisando e analista possam transitar pelas *aduanas* intra e intersubjetivas, tornando a experiência psicanalítica um acontecimento efetivamente transformador dos modos de ser, sentir e agir no mundo.

O divã descrito por Krüger detém, portanto, uma riqueza que justifica o fato de ter se tornado símbolo maior da invenção freudiana. Ele é *diwan*, tanto o escritor quanto a obra poética: o lugar onde as coisas que realmente importam são decididas. Ele é o corpo da mãe, a pele que dá contornos à experiência da loucura. Ele permite a emergência da criança no adulto, a regressão e o sonho. Ele favorece a capacidade de odiar e de sobreviver ao ódio, o anonimato e o segredo. Ele é o espelho que reconhece nossas dores e nossa potência. Ele é o esconderijo protetor, o barco ou o castelo das brincadeiras infantis. Ele é o lugar onde o comércio pulsional, representacional e afetivo é possível.

Surpreendentemente, Lucas Krüger publica seu livro a contrapelo da história da psicanálise, justamente quando, após a pandemia da covid-19, os atendimentos remotos se tornaram corriqueiros, prescindindo, na maior parte das vezes, da materialidade do divã — ainda que muitos analisandos e analistas tenham preferido a voz sem imagem, e outros tenham simulado divãs em seus espaços privados.² Porém,

2 Para além do divã “propriamente dito”, é preciso salientar que a proposta de Krüger transcende a materialidade do divã e abarca a experiência de análise remota (*online*).

considerando as questões presentes em *Por que o divã?*, é legítimo perguntar se, no dia em que o divã for dispensável ou não tiver mais lugar nos espaços de escuta clínica, ainda haverá algo de psicanalítico em nossa cultura.

Da escrita

Imagino o sentido de responsabilidade que pode se abater sobre um psicanalista ainda jovem, poeta e também editor, ao escrever e publicar um livro sobre psicanálise. Imagino nosso autor no divã em “estado de nuvem”, combatendo seus críticos fantasmas e suas fantasias de onipotência, tal qual um Quixote enfurecido, contando com seu Sancho Pança, também em “estado de nuvem”, que o escuta e o ajuda a enfrentar e a dissipar seus delírios, de modo a encontrar a justa fórmula para que se tornassem metáforas conceituais generosas com a comunidade psicanalítica.

Foi preciso que Lucas Krüger dividisse seu livro em duas partes bem distintas: a primeira, “Perspectivas da escuta”, dedicada a uma extensa e invejável pesquisa, à moda acadêmica, acerca do estatuto do divã na obra de diversos psicanalistas. São tantos que não me cabe enumerá-los aqui, mas posso afirmar ao leitor que decerto encontrará seus autores de preferência citados. Já na segunda parte, “A poética da psicanálise”, Krüger parece escrever como se suas palavras fossem a chuva fina que nos alivia, anunciando o fim da fúria de uma tempestade; trata-se de uma escritura de quem decerto frequentou seu “estado de nuvem” teorizante e foi capaz de transmitir, de modo elaborado e estimulante, o que de lá enxergou e intuiu. Percebe-se que a primeira parte do livro, estudiosa e obediente, concedeu a Krüger a licença poética de ousar pensar e escrever, a partir de seu *self* teórico-clínico, a psicanálise que encontrou em seu percurso com pacientes que habitam as mais diversas formas do sofrer encontradas pelo humano, da neurose às clivagens narcísicas, dos adultos às crianças.

Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise é, portanto, mais do que um livro sobre o objeto que domina o imaginário cultural acerca do que é a psicanálise; é um testemunho do impacto do saber psicanalítico sobre alguém que quis entender que essa aventura vale a pena ser vivida, sonhada e transmitida.

Daniel Kupermann é psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

ABERTURA

Se há algo que representa a psicanálise, na cultura e no imaginário popular, é o divã. Para que mesmo serve o tal divã? Qual sua função? São perguntas de leigos... mas não só. Ao passo que sua figura se destaca, também alimenta a criação de dogmas e até mesmo de tabus. Portanto, é fundamental discutirmos, a fundo, as suas especificidades e suas funções auxiliares ao processo psicanalítico.

É fato que Freud pouco se ocupou em teorizar a respeito do divã e da sua importância para a escuta e a intervenção clínica. São raros e esparsos os momentos de sua obra em que esse objeto-móvel é citado, e a não teorização acerca desse importante auxiliar nas análises acaba por ser até mesmo comum, inclusive na obra de autores proeminentes. De maneira geral, os autores não se ocupam em discutir o tema em profundidade, muitas vezes não dedicando mais do que um ou outro parágrafo ao tema e, na grande maioria dos casos, nem isso. Portanto, devido ao curioso fato de até hoje ainda não termos um livro que se empenhe inteiramente em discutir as inúmeras e possíveis funções do divã enquanto um auxiliar à análise, esta publicação procurará ocupar essa lacuna, com o objetivo de apresentar, introdutoriamente, alguns *modos de escutar e intervir a partir do divã*. E, assim, a partir da exposição de premissas teórico-clínicas diversas, acabaremos por encontrar singulares ângulos de pensar as suas funções. Ainda que, em muitos momentos,

encontremos posições antagônicas, também encontraremos posições complementares que acabam por tecer camadas de complexidade que vêm a se interligar na forma de encarar esse objeto-móbil na clínica psicanalítica.

A noção de enquadre, apesar de fundamental para o pensamento teórico-clínico psicanalítico, não é o ponto de partida da discussão. Ainda que a respectiva noção tangencie o uso do divã — e, por conta disso, ela estará presente sempre que for necessária à discussão —, a proposta deste livro é nos aprofundarmos nas especificidades das funções do divã. Escritos que enfocam o enquadre psicanalítico, apesar de riquíssimos e de suma importância para pensar o fazer psicanalítico, costumemente “simplificam” o divã enquanto um de seus “elementos” constituintes,¹ acabando por não desenvolver algumas das facetas que pretendemos explorar. Este escrito se propõe, portanto, a deslocar a centralidade da questão do enquadre para o divã em si, justamente para dar conta de especificidades que concernem às formas de encarar o seu uso, na prática clínica, que acabam por não ser devidamente contempladas, quando o enfoque recai sobre o prisma do enquadre.

Pensar a função do divã é muito mais do que pensar elementos do enquadre, e é isso que pretendemos discutir, ao longo deste livro — ainda que, obviamente, as temáticas se interliguem. Para tanto, é imprescindível um resgate histórico de como algumas possíveis funções do divã foram sendo experienciadas e percebidas pelos psicanalistas no trabalho com seus analisandos, até se tornarem parte de seus modos singulares de escuta e intervenção, ao longo do desenvolvimento da psicanálise.

Compilar a contribuição de alguns dos mais importantes autores da psicanálise é fundamental para compreendermos quão diversas e complexas podem ser as formas de encarar

1 O tema do enquadre, como veremos depois, sobretudo no capítulo “O divã de André Green – o modelo do sonho, outras contribuições e equívocos”, contempla muitos elementos, dos quais o divã é apenas um.

o divã na clínica, e esse é um dos objetivos principais da primeira parte deste livro. Essa tarefa exigirá, em boa parte dos casos, trabalhar com vestígios de ideias embrionárias que, apesar de presentes em produções escritas, não são o tópico principal desses textos. Percorreremos, não sem alguma dificuldade em reunir os esparsos rastros, algumas contribuições importantes. Se reflexões acerca da utilização do divã, na sessão psicanalítica, já são escassas em Sigmund Freud, não são menos em Jacques Lacan, Wilfred Bion e Sándor Ferenczi, que dedicam ao tema apenas uma frase ou outra em suas obras. Isso não é muito diferente do que encontramos em autores como Donald Winnicott e Christopher Bollas, que, apesar de não dedicarem muitos parágrafos ao tema, trazem fundamentais contribuições que nos levam a ampliar janelas. Veremos como André Green, Thomas Ogden e René Roussillon partem de reflexões acerca do enquadre que culminam na discussão de importantíssimas facetas do trabalho no divã. E apresentaremos, também, os esforços de Melanie Klein em tentar compreender e articular as funções do divã, ainda nos primórdios da psicanálise, sem deixarmos de percorrer as contribuições de Didier Anzieu, James Grotstein e John Munder Ross. Ainda, para além dos autores já citados, há um capítulo a compilar inúmeras contribuições que partem de autores como Otto Rank, Karl Abraham, Otto Fenichel, Michael Balint, Donald Meltzer, Masud Khan, Jean Laplanche, César e Sara Botella, Antonino Ferro, Paula Heimann, Danielle Quinodoz e Hanna Segal, dentre muitos outros.

Apesar do objetivo de reunir as contribuições de todos os autores citados, é preciso salientar que esses capítulos não sofrem de uma neutralidade opaca e asséptica de minha parte. Ainda que seja da maior importância ser fiel à comunicação do pensamento dos autores selecionados como um todo, e é meu compromisso fazê-lo, suas breves colocações acerca do divã instigam a que escutemos para além das lacunas deixadas e a que sigamos os rastros aparentemente não desenvolvidos por eles. Portanto, a proposta do livro transcende a ideia de

apenas repetir os posicionamentos de outrem, buscando lê-los como quem escuta para além do conteúdo manifesto. É necessário que o psicanalista se coloque a escutar “para dentro” das obras psicanalíticas, com o intuito de explorar suas lacunas e penetrar em seus enigmas. Sob essa ótica, proponho uma “leitura criativa”, como recomenda Thomas Ogden,² a fim de seguir ampliando a discussão teórico-clínica. Consequentemente, ao lado da apresentação das contribuições desses autores, são levantados pontos de reflexão que, de certa maneira, tecem fios que transpassam e interligam os capítulos, sempre em prol de problematizar as diferentes perspectivas acerca do trabalho com o divã e suas funções, levando em conta as singularidades de cada caso clínico.

A segunda parte, para além de complementar as discussões da primeira, traz ângulos de reflexão não desenvolvidos anteriormente. Se, por um lado, ela se constrói como uma continuação da discussão anterior, por outro, deixa claro que me comprometi a trabalhar o divã e suas funções a partir do que poderíamos chamar de “a poética da psicanálise”, que culminaria em discutir a função poética contida no trabalho, a partir de nosso objeto-móvel auxiliar. Devo confessar minha dificuldade em apresentar o conteúdo trabalhado nessa segunda parte em um breve resumo introdutório, como é a proposta desta Abertura, pois receio que elencar o percurso a ser seguido não auxilie muito a compreensão do leitor aqui nesse início, podendo ser tomada como confusa.³ Contudo, tal premissa é também o que faz dela uma aposta, no que concerne ao fazer do psicanalista, pois o que se apresenta obscuro na clínica, sobretudo nos primeiros contatos com nossos analisandos, é o que nos propuliona a continuarmos curiosos e desejosos de seguir nosso trabalho. A curiosidade é uma poderosa força motriz para o psicanalista se manter a escutar o que primeiramente possa soar confuso, lacunar e

2 Ogden, 2014.

3 “Eu tô te explicando pra te confundir / Tô te confundindo pra te esclarecer”, canta Tom Zé, no refrão de sua canção Tô, do álbum Estudando o samba (1976).

inacabado e acompanhar os vestígios não tão claros que lhe são oferecidos por outrem para, quem sabe, em determinado momento, alcançar algum tipo de esclarecimento... ou não.

O pontapé de partida para essas segundas ideias é evocar a etimologia de *diwan* (divã) que, curiosamente, não foi desenvolvida por nenhum dos autores pesquisados e, aparentemente, não é conhecido pelos demais colegas, apesar de estar contida, nela, a essência do fazer psicanalítico. A vertente persa⁴ de *diwan* está intimamente ligada à poética e à obra poética, enquanto a vertente turco-otomana remete, dentre outras significações, a uma “sala de reuniões importantes” e a questões ligadas à espacialidade, como veremos depois mais profundamente. Trabalharmos a partir da etimologia nos levará até Goethe e seu “jogo das nuvens” e a re-trabalhar diferentes conceitos ligados ao funcionamento do psiquismo, à espacialidade, à poética, às funções do brincar,⁵ a re-articular noções que envolvem a *Verdichtung* (condensação), o *Dichter* (poeta) e a *Dichtung* (obra poética), assim como a construir uma espécie de *modelo de escuta* que se baseie em uma metáfora que leva em conta as nuvens, seus movimentos e sua morfologia (dentre outros aspectos intrínsecos à sua figura). Para tal objetivo, não seria menos importante trabalharmos o conceito de *roupagem simbólica*, que nos auxiliará a desenvolver esse modelo-clínico de escuta e intervenção, intimamente relacionado aos aspectos discutidos na primeira parte do livro, mas também oferecendo novas perspectivas de entendimento ao trabalho psicanalítico, a partir do uso do divã.

Antes de dar prosseguimento aos capítulos do livro, é primordial advertir o leitor de que toda a discussão que se

4 Mario Coutinho Jorge e Antonio Quinet mencionam, brevemente, a etimologia persa em seus livros, ainda que não a desenvolvam ou, ao menos, não a desenvolvam da maneira que proporei. (Cf. Jorge, 2017; Quinet, 2009).

5 Refiro-me, aqui, ao brincar em sua amplitude, levando em consideração uso que Freud faz da palavra *Spiel*, conforme explicado pelo tradutor Paulo César de Sousa. “A palavra *Spiel*, que corresponde à inglesa *play*, pode ser vertida por ‘brincadeira’, ‘jogo’, ‘execução musical’ ou ‘representação teatral’” [Freud, (1905/1906) 2019a, p. 363].

segue acaba por privilegiar o trabalho clínico realizados nos consultórios⁶; todavia, de nenhuma maneira se propõe a uma idealização do uso do divã. A temática do livro possui limites e não consegue abarcar outras modalidades da prática psicanalítica, sobretudo ao que convencionalmente é chamado de “psicanálise extramuros”. Saliento a importância da ocupação da psicanálise com o campo social e a criação de modalidades que buscam trabalhar a psicanálise de formas diversas, sejam elas a partir da psicanálise de grupos, sejam as demais formas de atuação, realizadas em qualquer ambiente para além da clínica tradicional. Registro aqui o meu profundo respeito pela seriedade dos colegas dedicados a essas modalidades. Quanto ao livro, há questões diversas de acessibilidade que acabam por não ser contempladas em sua profundidade, como, por exemplo, a carência de uma discussão aprofundada sobre a escuta de analisandos surdos, que prescindiriam de um apoio gestual-visual em sua comunicação. Quanto a essas questões todas, reitero minha convicção de que existem colegas mais bem habilitados a discuti-las.

Não menos relevante do que a ressalva anterior é a importância de se reconhecer que, historicamente, a psicanálise (e, por conseguinte, o tratamento realizado no divã) se mostrou mais acessível a determinadas classes econômicas do que a outras. Felizmente, parece-me, temos visto cada vez mais movimentos a favor de uma democratização do acesso aos tratamentos, sobretudo no que tange aspectos de ordem financeira (ou até mesmo de outras ordens). A psicanálise não é e não deve ser uma ferramenta de poder ou de exclusão. Há muito a se fazer nesse sentido, e é importante salientar que repensarmos, em um nível profundo, as funções do divã é uma das maneiras de não perpetuar dogmas acerca de seu uso. Dito de outro modo, o divã é uma importante ferramenta auxiliar à escuta; estudarmos, a fundo, as suas

6 Englobando os atendimentos remotos (*online*), melhor contemplados na discussão presente na segunda parte do livro e, sobretudo, no capítulo extra “A necessidade do divã ou um substituto que não o olhar”.

funções também é uma das formas de expandir o acesso a tratamentos que contemplem a sua utilização.

Neste momento, é preciso contextualizar que o uso do divã pressupõe, primeiramente, um psicanalista. E um psicanalista é quem passou ou está passando⁷ pelo processo básico do “tripé analítico”, que consiste em um aprofundado estudo teórico, a realização de supervisões e uma análise “suficientemente boa”, se assim podemos dizer. Um psicanalista se constituirá sempre a partir da relação com o outro, em um processo que poderíamos chamar de “dentro para fora” e não de “fora para dentro”. Como é de se notar, minha forma de apresentar a questão é genérica, pois tem o intuito de abarcar os diferentes modelos de formação em psicanálise. Estou falando de toda e qualquer formação consistente em psicanálise, independentemente de ser realizada a partir de modelos ligados a IPA ou a modelos lacanianos, ou se é realizada a partir de outras instituições independentes,⁸ sérias e comprometidas com o fazer psicanalítico. Mais do que qualquer vinculação institucional, já que há também os psicanalistas que escolhem um percurso não vinculado a elas — dedicando-se ao essencial tripé analítico —, refiro-me ao fato de que um psicanalista se faz sempre de “dentro para fora” e a partir de intensa dedicação. A formação do psicanalista nunca é completa, mas, sim, é um processo ininterrupto que o acompanha até o final de sua sua jornada.

Ainda que o objetivo deste livro não seja o de discutir pormenores da formação psicanalítica, não posso deixar passar batido que, infelizmente, temos presenciado a emergência de diversas falsas formações, algumas de cunho até mesmo bizarro, como as intituladas de “psicanálise evangélica”, ou outros tipos, nos quais não encontramos psicanálise alguma. É preocupante também a criação de “cursos-relâmpago”, que prometem formar psicanalistas em poucos meses, distorcendo

7 Refiro-me a colegas que ainda se encontram em um processo inicial de formação psicanalítica, mas estão a exercer a função de analista para seus analisandos.

8 Como é o meu caso.

a ética e a seriedade da psicanálise, sem levar em conta o tripé analítico fundamental e iludindo os desavisados com propagandas superficiais. Precisamos estar atentos e lembrar que, assim como não podemos sacralizar a psicanálise, tampouco podemos permitir que uma prática séria e ética seja banalizada.

Finalizo esta seção convidando o leitor a percorrer as reflexões que permearão os próximos capítulos, retomando que este é um estudo introdutório e provavelmente carecerá de novas interlocuções, entre pares, para posteriores desdobramentos. Mais do que qualquer outra coisa, espero que este escrito suscite inquietações e desperte o desejo dos colegas de seguir problematizando e discutindo a respeito do divã.